

BRASIL ESPELHADO EM PROSA E VERSO

10 livros sobre o assunto

Celeste Ribeiro de Sousa (DLM)

1. **Imagologia: Uma pitada teórica**
2. **Brasil no espelho da literatura canônica**
3. **Brasil no espelho da literatura de imigrantes de língua alemã**
4. **Brasil no espelho da literatura do exílio de língua alemã**
5. **Brasil no espelho da literatura de viagens de língua alemã**

Imagologia: uma pitada teórica

As observações e as posteriores reflexões sobre as imagens do outro devem ter começado lá nos primórdios da (in)civilização humana, quando uma tribo pensava em conquistar outra tribo ou quando era obrigada a organizar sua defesa. O sucesso, tanto numa quanto noutra empreitada, exigia no mínimo o conhecimento do espaço geográfico, da língua e dos costumes do outro, isto é, do não-eu, do vizinho, do estrangeiro, do inimigo. Todas essas observações e reflexões eram e continuam sendo efetuadas sempre a partir de um mesmo ponto – do eu. Na verdade, o outro, em si e como um todo, é inacessível.

Portanto, o que um eu vê e reconhece como outro é sua própria projeção ou autoimagem, ou seja, qualquer heteroimagem não passa de uma autoimagem compartilhada. Deve haver determinadas constantes (algoritmos?) comuns nas projeções/imagens de determinados grupos humanos e mesmo nas projeções/imagens de toda a humanidade, pois a essas constantes se deve o entendimento fantástico, que, sim, EXISTE entre as pessoas, os grupos e os povos. Por mais que divirjamos, comungamos de um substrato cognitivo que nos torna capazes de criar civilizações. São essas constantes que formatam as imagens do senso comum, da verdade, da realidade. Muitas dessas constantes são culturalmente construídas, algumas (poucas?) são inatas, não esquecendo que tudo isto está enquadrado em nossas circunstâncias cósmicas.

Não incluo aqui, porque estão fora da minha alçada, questões acerca da realidade apenas comprovada através de equações matemáticas (mecânica quântica), realidade essa que existiria para além da mediação do eu. Mas pergunto-me se, mesmo nesse

caso, a realidade observada pelo prisma das equações não precisaria da irredutível mediação do eu para ser percebida, introjetada e compartilhada.

No mundo ocidental, a curiosidade por outros povos e pelos textos, literários ou não, em que esses outros povos são verbalmente retratados, sem intenção bélica, tornam-se notáveis na Alemanha Romântica com Johann Gottfried von Herder, Gotthold Ephraim Lessing, Johann Wolfgang von Goethe, os irmãos August e Friedrich Schlegel. Herder, por exemplo, molda um conceito para povo: uma comunidade que habita o mesmo recorte geográfico, fala a mesma língua, comunga de uma mesma literatura, das mesmas artes, da mesma filosofia, da mesma história, da mesma política, em oposição a outra comunidade que fala outra língua, compartilha outra literatura etc.

Em 1810, a célebre Madame de Staël, fugindo de Napoleão e exilada na Alemanha, reúne em livro suas observações e reflexões sobre franceses e alemães, e tece, assim, em *De l'Allemagne* (Da Alemanha), famosas imagens desses povos que lhes haveriam de definir a identidade durante muito tempo.

Mas a investigação sistemática das imagens literárias de países surge na universidade francesa como um desdobramento interno à literatura comparada.

Em 1922, Jean-Marie Carré é convidado para a cátedra de literatura comparada na Columbia University em Nova York e, em 1923, começa a publicar *Images d'Amérique* (Imagens da América). Com isso, dentro da literatura comparada, abre espaço para um campo de investigações que vem a ser chamado de imagologia literária e que haveria de cruzar uma outra área de estudos chamada etnopsicologia e com ela se embolar.

Em 1951, Marius-François Guyard, ao publicar sua *Literatura comparada*, oferece ao leitor um inédito capítulo imagológico/etnopsicológico intitulado “L'étranger tel qu'on le voit” (o estrangeiro tal como é visto).

Mas, se na França a literatura comparada e a imagologia seguem de vento em popa, no resto da Europa isso não acontece, particularmente na Alemanha. As duas Grandes Guerras põem um freio ao cosmopolitismo até então em franco crescimento. As fronteiras nacionais ficam muito fortalecidas após as acérrimas rivalidades sangrentas e o entrincheiramento nos territórios delimitados de cada país acaba levando ao resgate e ao empoderamento do conceito de literatura/filologia nacional, colocando-o no centro das atenções como instrumento identitário de cada povo.

Nesse meio tempo, também os estudos teóricos da literatura avançam em outras direções: o *new criticism* ganha força nos USA e o formalismo russo chega à Europa.

No segundo volume do *Yearbook of comparative and general literature* de 1953 e nos dois primeiros congressos da Associação Internacional de Literatura Comparada (ICLA) em Veneza (1955) e em Chapel Hill (1958) respectivamente, René Wellek, americano, influenciado pelas novas abordagens literárias, põe na berlinda todos os estudos de literatura comparada e, por extensão, os de imagologia, acusando seus adeptos de não se ocuparem com a genuinidade do texto literário. São de sua autoria os textos demolidores: “The concept of comparative literature” (O conceito de literatura comparada), “The name and nature of comparative literature” (O nome e a natureza da literatura comparada) e “The crisis of comparative literature” (A crise da literatura comparada).

Essa crise prolonga-se até 1966, quando o comparatista belga **Hugo Dyserinck** publica o ensaio “Zum Problem der ‘images’ und ‘mirages’ und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft” (O problema das ‘images’ e ‘mirages’ e sua pesquisa no âmbito da literatura comparada). Diz ele:

Em primeiro lugar, está o problema da difusão da *mirage allemande* durante o longo e diversificado período que Carré se propôs a estudar. Carré partiu da premissa de que as imagens falseadas da Alemanha, provenientes de Mme de Staël, eram corresponsáveis pelo desenvolvimento da política francesa em relação à Alemanha que, tanto em 1870 como em 1940, havia alcançado, nas derrotas, seu ponto mais baixo. Mas o que havia de correto nesta ideia? Hoje, quando a sociologia da literatura faz incidir seu interesse na relação entre obra e leitor e até desenvolve métodos para pesquisar essas questões, seria uma tarefa gratificante verificar de que modo uma tal imagem literária do *outro país* influencia, realmente, os juízos e preconceitos extraliterários. A ênfase, neste caso, deve ser colocada primeiro sobre o aspecto exclusivamente literário da *mirage* e, só depois, deve ser formulada a pergunta quanto ao alcance extraliterário. Enquanto as *images* ou *mirages* literárias exercerem, de fato, influência concreta sobre a opinião pública, poderão constituir objeto legítimo da pesquisa literária, pois a repercussão da literatura bem como sua gênese dela fazem parte. Mas, neste caso, também é tarefa desta pesquisa sócio-literária comprovar o como da repercussão e não apenas citar e alinhar irrefletidamente as *images* e *mirages*, sem considerar o que é importante e o que não é, como no caso de certos desdobramentos errados da *Stoffgeschichte*. Dito de outro modo: esta pesquisa só se torna científica, distinguindo-se da simples coleta de material, no momento em que a pergunta relativa à repercussão é colocada de maneira correta e passa a contribuir para sua elucidação. (Trad. Karola Zimmer, DYSERINCK 1966: 114-115).

Trata-se de uma resposta à crise instaurada por Wellek. Dyserinck retoma o livro de Carré e o capítulo “L’etranger tel qu’on le voi” da obra de Guyard e passa a demonstrar a pertinência do estudo das imagens de países ao âmbito das investigações

genuinamente literárias, legitimando na área da literatura as pesquisas da literatura comparada e da imagologia. Aplica, à análise das imagens, os preceitos tanto do *new criticism* quanto do formalismo russo e afirma que essa investigação tem por objetivo deslindar o significado dessas imagens dentro da obra a que pertencem e também determinar suas ligações com as áreas culturais (artísticas, filosóficas, históricas, políticas) fora do texto, que, de alguma forma, o condicionam. E, assim, o objetivo da investigação imagológica passa a ser identificar e desconstruir a montagem e manipulação de imagens estereotipadas – imagotipos – de países dentro de textos literários para as desideologizar. É neste pé que se encontra a imagologia hoje.

Leituras recomendadas:

Carvalho, Tania Franco. **Literatura comparada**. São Paulo, Ática, 1986.

Ribeiro de Sousa, Celeste. **Do cá e do lá. Introdução à Imagologia**. São Paulo, Humanitas/Fapesp, 2004.

Outras sugestões:

Dyserinck, Hugo. Zum Problem der 'images' und 'mirages' und ihrer Untersuchung im Rahmen der Vergleichenden Literaturwissenschaft. In: *Arcadia*. Zeitschrift für Vergleichende Literaturwissenschaft. Band 1, 1966, p. 108-120. Tradução disponível em ><http://rellibra.com.br/pdf/imalogia1/imagensemiraens.pdf><.

Madame de Staël. *Da Alemanha*. Trad. Edmir Missio. São Paulo, Ed. da UNESP, 2016 [1810].

Ribeiro de Sousa, Celeste. A imagologia no Brasil: primeira tentativa de sistematização. In: *Revista de Literatura Comparada* 14, 2009, p. 37-55. Disponível em ><http://www.abralic.org.br/revista/2009/14><.

Wellek, René. The concept of comparative literature. In: *Yearbook of comparative and general literature*. Bloomington, Indiana University, 1953, vol. 2, p. 1-5.

Wellek, René. O nome e a natureza da literatura comparada. Trad. Marta de Senna. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tânia (orgs.) - *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 120-148.

Wellek, René. A crise da literatura comparada. Trad. Maria Lúcia Rocha-Coutinho. In: Coutinho, E. & Carvalho, Tânia (orgs.) - *Literatura comparada: textos fundadores*. Rio de Janeiro, Rocco, 1994, p. 108-119.

Brasil no espelho da literatura canônica

Se existem imagens – auto e heteroimagens – de países, veiculadas em obras literárias, deve-se perguntar que imagens são essas, pois elas têm a ver com autoconhecimento e conhecimento do outro numa relação muito intrincada. Sabe-se que o autoconhecimento ou a identidade quer do indivíduo quer do grupo não é um fenômeno estático, mas sim um processo relacional contínuo.

Por razões práticas, restringimo-nos ao caso das imagens do Brasil. Onde se encontram as primeiras imagens do país? Na literatura de viagens. As primeiras imagens do Brasil são formatadas a partir de fora, isto é, da perspectiva de viajantes europeus.

Lembre-mo-nos da Carta de Pero Vaz de Caminha (*Carta a el-rei dom Manuel*), escrita por um português em 1500, mas só tornada pública em 1817, 317 anos depois! Recordemos a *História da província de Santa Cruz a que vulgarmente chamam Brasil*, redigida por Pero Magalhães Gandavo, um outro português, em 1573, mas só em 1567 impressa. Pensemos no *Tratado descritivo do Brasil* de Gabriel Soares de Souza, escrito em 1578. Evoquemos *Diálogos das grandezas do Brasil* de Ambrósio Fernandes Brandão, compostos em 1618.

Contudo, não foram só portugueses que configuraram as primeiras imagens do Brasil. Pelo menos, alemães e franceses também o fizeram. Já em 1515, começa a circular na Alemanha um pequeno texto impresso com o seguinte título *New Zeitung aus presillandt (Nova gazeta da terra do Brasil)*, de autor desconhecido.

Em 1557, o alemão Hans Staden, que, à semelhança do autor desconhecido, também estivera no Brasil e, ao contrário dele, fora feito prisioneiro dos índios em Itanhaém – caso assinalado por uma placa no Largo da Igreja Matriz –, faz publicar em Marburg seu livro *Wahrhaftige Historia. Zwei Reisen nach Brasilien (1548–1555)* [História verdadeira. Duas viagens ao Brasil (1548-1555)], traduzido para o português com o título encurtado *Duas viagens ao Brasil*. E, depois dele, os alemães viajantes nunca mais pararam de vir ao Brasil e de escrever sobre o país.

Em 1558, o francês André Thevet publica *Les singularitez de la France Antarctique* (As singularidades da França Antártica) e em 1578, Jean de Léry traz a lume *L'histoire d'un voyage fait en la terre du Brésil, autrement dit Amérique*, traduzido como *Viagem à terra do Brasil*.

Imagine-se com que curiosidade e força imaginativa essas leituras são feitas na Europa, comentadas e transmitidas adiante com todos os ruídos inerentes à comunicação

oral. Está-se no albor do século XVI, o homem europeu acaba de sair da Idade Média. De que espécie de imagens dispõem os primeiros viajantes e seus leitores para acomodar a cognição das novas paisagens do novo mundo, não apenas as físicas, mas, sobretudo, as humanas, tão díspares das conhecidas e familiares europeias? Têm à disposição descrições dos mundos míticos judaicos, gregos e romanos. E é com essas imagens que trabalham. Assim, não é de admirar que, nessas priscas eras, acreditem ser nesse novo mundo que se encontra o paraíso há tanto tempo procurado e não encontrado.

Da literatura de viagens, a imagem do Brasil passa à literatura canônica. A literatura alemã e outras contam com inúmeros autores que recorrem às aventuras e aos exotismos registrados pelos viajantes para compor suas tramas e seus enredos. Sobressaem nessas obras canônicas a paisagem física (*locus ille locorum* e/ou *locus horridus*, solo primordial), a paisagem social (bucolismo tropical, Eldorado, refúgio político, local sagrado) e a paisagem humana (índio, estrangeiro, brasileiro). O alemão **Alfred Döblin**, que nunca esteve no Brasil, por exemplo, dedica o segundo volume – *Der blaue Tiger* (A onça/O tigre azul) de sua trilogia *Amazonas* à ficcionalização da catequese dos índios brasileiros no século XVI. Relata ele:

Eles [os jesuítas] avançavam pelo extenso vale, irrigado pela água preciosa do rio Paraná, avançavam pelo vale dos laranjais, das plantações de cana-de-açúcar, de mandioca e de milho, pelo vale dos cânticos sagrados e de paz. Eles calcorreavam as gramadas planícies ondulantes da savana, pássaros esvoaçavam no ar quente, de quando em quando, pequenas avestruzes passavam correndo, viam-se árvores até então desconhecidas, que elevavam suas folhagens em ramos que pareciam candelabros, eram as araucárias, que os jesuítas haviam plantado e que, agora, já se haviam espalhado até as bandas do oeste. (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. DÖBLIN 1963: 439).

Também a alemã **Marie Luise Kaschnitz**, que teve um breve contato com o país, assim poetiza o que ouviu falar dos bandeirantes:

Quartzo róseo

À noite quero partir
Um bandeirante
À procura do ouro dos pores-do-sol
À procura do raio de luz verde
Que antecede a escuridão.

Quero trazer para casa
 Peles de cobra-coral
 Também uma arvorezinha cheia de papagaios
 Para plantá-la entre mesa e cama
 Também quatro folhas onduladas de quartzo
 Um cálice
 A rosa das rosas

(Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. Kaschnitz 1973: 23).

E como o Brasil lidou e lida com o assunto?

O problema coloca-se com a independência do país em 1822. No concerto internacional, o Brasil precisa ter um rosto, uma identidade, uma imagem sua. Quais são os traços identitários positivos do Brasil? As paisagens exuberantes e belas, já apreciadas pelos viajantes, e os índios, que haviam deixado os europeus extasiados. Faltava agora imprimir essas imagens numa literatura própria. Estrangeiros franceses (Ferdinand Denis) e portugueses (Garrett e Herculano) correm em auxílio. E, em 1865, o brasileiro José de Alencar tece a primeira autoimagem nacional paradigmática do Brasil em *Iracema*: uma paisagem tropical paradisíaca a envolver um híbrido étnico de português e índia – o mito fundador da nação. Com o tempo, essa autoimagem alarga-se e torna-se cada vez mais complexa. José Aderaldo Castello em sua *A literatura brasileira* distingue três vertentes nas tentativas literárias de enformar o Brasil em imagens identitárias: a vertente rural, a vertente urbana, a vertente histórica. Porém, para além dessa segmentação, há obras, não tantas, em que o Brasil surge como um caleidoscópio de facetas, dando forma a um todo altamente diversificado – a um só tempo rural, urbano e histórico -, um rosto mais parecido com a realidade do país.

Mário de Andrade, em *Macunaíma*, talvez tenha sido o primeiro a preocupar-se com a configuração desse todo caleidoscópico. Darcy Ribeiro também viu o Brasil dessa perspectiva holística. Veja-se a ilustração que segue, extraída do seu romance *Maira*:

Aqueles meses de convívio inelutável da maloca quase me enlouqueceram. Só na prisão das quatro paredes me senti assim contido e constrangido. Condiçionados a viver em casas com muros e portas para nos isolar, para nos esconder, não suportamos aquela comunicação índia sem fim, de dia e de noite, vivendo sempre uma vida totalmente comungante. Eu às vezes fugia para me procurar pelos matos. (RIBEIRO 1996: 205).

Leituras recomendadas:

Holanda, Sérgio Buarque de. **Visões do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil.** Rio de Janeiro, José Olympio, 1959.

Ribeiro de Sousa, Celeste. **Retratos do Brasil. Heteroimagens literárias alemãs.** São Paulo, Arte & Cultura, 1996.

Outras sugestões:

Andrade, Mário. *Macunaíma. O herói sem nenhum caráter.* Belo Horizonte, Itatiaia, 1985.

Castello, José Aderaldo. *A literatura brasileira. Origens e unidade.* São Paulo, Edusp, 1999, 2 vols.

Döblin, Alfred. *Amazonas.* Olten und Freiburg in Breisgau, Walter, 1963.

Kaschnitz, Marie Luise. *Ein Wort weiter.* Frankfurt a. M., Suhrkamp, 1973.

Leite, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro.* São Paulo, Pioneira, 1969.

Ribeiro, Darcy. *Maíra. Um romance dos índios e da Amazônia.* Rio de Janeiro, 1996.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Uma fenomenologia da desespirtualização (Robert Menasse). In: Bolle, Willi & Kupfer, Eckhard (orgs.) *Relações entre Brasil e Alemanha na época contemporânea.* Santos, Editora Brasileira de Arte e cultura, 2015, p. 89 e 91.

Brasil no espelho da literatura de imigrantes de língua alemã

Todos sabem: o Brasil é um país de imigrantes. Só os índios são autóctones. E, ainda assim, há controvérsias discutidas no âmbito da arqueologia. O fóssil humano **Luzia** aponta em outra direção.

Dentre os imigrantes que vieram habitar o solo brasileiro encontram-se europeus (sobretudo, portugueses, espanhóis, alemães e italianos), africanos e asiáticos (sobretudo japoneses e coreanos). Muitos chegam a ocupar cargos no governo brasileiro, como é o caso notório de **Karl von Koseritz**. Essas comunidades étnicas aqui no Brasil desenvolveram comunicação oral e escrita em suas línguas maternas. Vou restringir-me ao caso alemão, pois é o que conheço.

Os imigrantes alemães e, depois, seus descendentes criaram uma respeitável rede de comunicação em língua alemã entre os vários grupos estabelecidos no país. Da

imprensa escrita, além dos jornais, os *Kalender* (Anuários) são de especial importância para a construção de imagens literárias do Brasil, porque neles também são veiculados textos poéticos. Sua temática, na grande maioria dos casos, recai sobre o país de adoção desses imigrantes, que, posteriormente, também é pátria de suas proles. Temas como a dualidade identitária desses indivíduos e também de seus descendentes são trabalhados das mais diversas perspectivas: o Brasil visto como falsa e verdadeira terra prometida; o Natal brasileiro comparado ao Natal alemão; a idealização dos antepassados alemães; o amor dentro do mesmo grupo étnico ou entre diferentes grupos e comunidades (alemães imigrados, alemães/brasileiros, brasileiros, etc.); a paisagem; a colonização e o povoamento das terras do Brasil; o folclore brasileiro; a participação em guerras/levantes brasileiros. Dois exemplos:

Lá fora a tempestade rugia e o minuano atirava a chuva gelada contra as janelas da casa de Schulze. Ele tinha fechado a loja, não só por causa do tempo ruim, mas também porque uma corja perigosa andava pelas redondezas e porque corriam boatos sobre a presença do *Menino diabo*, aquele ladrão ousado dos tempos da Revolução.

Era pelas sete horas da noite, já havia escurecido havia uma hora e meia, pois estava-se no mês de junho, quando os dias são curtos e as noites infinitamente longas. Se lá fora havia desassossego, tanto mais confortável era estar na sala do velho Guilherme Schulze. Chamavam-no de velho por causa dos cabelos totalmente grisalhos, embora tivesse apenas quarenta e dois anos. A grande sala oferecia quase um conforto urbano e nem sequer ali faltava o, à época, moderno fogão de ferro, que espalhava o calor pela casa. (Trad. Alceu Gregory. KOSERITZ 1875: 34).

Agora soam sons estranhos de árvore para árvore e abalam o seu ser num medo súbito. Tremem numa dor surda e numa raiva impotente. O que escutam é o cântico de guerra da sua destruição.

A floresta suspende a respiração e fica à escuta.

Agora corre um segredar de tronco a tronco. Terá sido a peroba, velha de muitos séculos, que deu a ordem?

Até mesmo os pérfidos cipós sussurram àqueles de que se alimentam e folhas em queda passam notícia às ervas e às samambaias: Queremos vingança! Não há-de ser impunemente que destroem o nosso esplendor. E uma árvore esgalhada e retorcida, que goza de reduzida reputação entre as suas companheiras, tem um riso pérfido e escarninho: “Eu vou executar a vingança.” (Trad. Maria António Hörster. ZWANZIGER 2000: 33)

Há ainda a considerar as inúmeras traduções de obras literárias brasileiras canônicas para a língua alemã realizadas por esses imigrantes ou seus descendentes,

numa tentativa de conhecimento do outro, quer dizer, do país de adoção, uma seara ainda à espera de pesquisadores interessados.

Aliás, já é tempo de as histórias da literatura brasileira abrirem um capítulo para esse fenômeno das literaturas das imigrações tão marcadamente brasileiro.

Leituras recomendadas:

Huber, Valburga. **A ponte edênica. Da literatura dos imigrantes de língua alemã a Raul Bopp e Augusto Meyer.** São Paulo, Annablume, 2009.

Seyferth, Giralda - **Nacionalismo e identidade étnica.** Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1982.

Outras sugestões:

Fleischer, Marion. *A poesia alemã no Brasil. Tendências e situação atual.* São Paulo, FFCL-USP, Boletim nº 311, 1967.

Freitas, Ingrid Assmann. *A máscara cai. Wolfgang Ammon no contexto da literatura teuto-brasileira.* São Paulo, Arte & Cultura, 1995.

Huber, Valburga. *Saudade e esperança. O dualismo do imigrante alemão refletido em sua literatura.* Blumenau, editora da FURB, 1993.

Koseritz, Carl von. Die Sühne. Erzählung aus der Colonie. In: *Koseritz' Deutscher Volkskalender für die Provinz Rio Grande do Sul.* Porto Alegre, Walther Kühn, 1875, p. 33 - 63. Tradução disponível em >
<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/97/3beec466d26f3bd04e0b3079094493e4.pdf><.

Ribeiro de Sousa, Celeste. A literatura brasileira de expressão alemã e a crítica. In: *Pandaemonium Germanicum.* São Paulo, v. 19, n.28, set.-out. 2016, p. 45-73. Disponível in: ><http://www.revistas.usp.br/pg/article/view/119171/116546><.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Da inesperada potencialidade da literatura brasileira de expressão alemã. In: Uphoff, Dörthe et alii. *75 anos de alemão na USP. Reflexões sobre uma germanística brasileira.* São Paulo, Humanitas, 2015. Disponível em ><http://dlm.fflch.usp.br/alemao><.

Ribeiro de Sousa, Celeste. Literatura brasileira de expressão alemã. In: *Sibila.* Revista de poesia e crítica literária. São Paulo, 12 dez. 2009. Disponível em: <http://sibila.com.br/mapa-da-lingua/literatura-brasileira-de-expressao-alema/3295>.

Ribeiro de Sousa, Celeste. *A narrativa literária no Anuário do Correio-Serrano após 1948: temas.* São Paulo, FFLCH-USP, 1980.

Zwanziger, Iris. Die Rache des Urwalds. Ein Einwanderungsschicksal aus einer Familienchronik. Trad. Maria António Hörster. In: Zwanziger, Iris. *Die alte Truhe*. 2ª ed. Campinas, edição da autora, 2000, p. 31-34. Tradução Disponível em > <http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/102/e09b7bd25371028280d882adf41b9aae.pdf><.

Brasil no espelho da literatura do exílio de língua alemã

Quando se fala de exílio de língua alemã no Brasil, o nome que logo brilha no horizonte é o de **Stefan Zweig**, aquele escritor austríaco com perfil de dândi, recebido por três vezes no Brasil para dar palestras entre 1940 e 1941, vindo de Nova York, e que escreve um livro altamente elogioso a respeito do nosso país, intitulado *Brasil, um país do futuro* (1941). Aquele que se exila em Petrópolis e depois lá se suicida.

E, no entanto, há tantos outros exilados de língua alemã que aqui encontram refúgio e igualmente bendizem o Brasil.

Há exilados políticos de língua alemã no Brasil já no século XIX. Um caso importante, mas pouco conhecido, é o de **Julia Engell-Günther**, que se torna escritora.

Contudo, a maioria dos escritores de língua alemã exilados no Brasil são comunistas e/ou judeus, e para cá se dirigem, fugindo ao regime nazista de Adolf Hitler (1933-1945), não porque tenham escolhido o país, mas porque a sorte lhes abre as portas aqui. Getúlio Vargas governa o Brasil com todas as polêmicas políticas que o envolvem. É de se esperar que a marca dos textos literários produzidos por esses exilados seja a resistência a um regime anti-intelectual, contrário às liberdades individuais, ou seja, a resistência ao nacional-socialismo alemão. Entretanto, nesses textos também despontam imagens denunciadoras de brasileiros de pendores nazistas em meio a paisagens belamente configuradas e a espaços urbanos degradados, como se pode observar em alguns livros de **Ulrich Becher** sobre o Brasil.

A seguir, uma pequena ilustração da peça *Samba* de Ulrich Becher, mais precisamente, de um trecho da fala de um delegado de polícia brasileiro – Heredia -, que arranha o alemão, com um judeu refugiado austríaco na imaginária Ibarahy-na-Serra:

HEREDIA [em português]: Muito rebelde, muito rebelde. [Em alemão macarrônico]: Agora dou-lhe abrigo, meu amiguinho rebelde. Vosmecê vem da Europa assim direto pra Ibarahy-na-Serra e, quando a gente põe samba pra tocar, aí vem vosmecê e grita: parem com o barulho e quer negar o carnaval.

[...]

HEREDIA [em português]: Nós, brasileiros, gostamos do barulho, está compreendendo, ó Senhor? [Em alemão macarrônico]: Nós a-m-a-m-o-s barulho, música, cantoria, clarinete, tambor, violão, tamborim, samba. S-a-

m-b-a! Samba, Senhor. Nós adoramos isso. E, se o Senhor não gosta, vá-se embora para a Europa.

[...]

HEREDIA [em alemão macarrônico]: mas o que eu não gosto é descortesia. Berros, isso é perigoso, é um dois três e vosmecê tem uma faca enterrada na barriga e a polícia não vai ajudar.... (Trad. Celeste Ribeiro de Sousa. BECHER 1957: 33).

Há aqueles refugiados que, à semelhança de **Willy Keller**, se engajam com o teatro, em particular com o teatro do negro.

Trata-se de obras pouco conhecidas, porque normalmente publicadas em língua alemã em editoras não brasileiras. Até hoje, com pouquíssimas exceções, aguardam tradução.

Leituras recomendadas:

Dines, Alberto. **Morte no paraíso. A tragédia de Stefan Zweig**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.

Kestler, Izabela. **Exílio e literatura. Escritores de fala alemã durante a época do nazismo**. Trad. Karola Zimmer. São Paulo, Edusp, 2003.

Outras sugestões:

Becher, Ulrich. Samba. In: Becher, Ulrich. *Spiele der Zeit*. Berlin, Aufbau, 1957, vol. 1.

Bohunovsky, Ruth. *Ulrich Becher: vida e obra*. Disponível em > <http://www.martiusstaden.org.br/conteudo/detalhe/113/ulrich-becher-1910-1990><.

Dijn, Rosine de. *O navio do destino: Rio de Janeiro, Lisboa, Nova York, 1942*. Trad. Kristina Michahelles e Marina Michahelles. Rio de Janeiro, Record, 2009.

Eckl, Marlen. “Das Paradies ist überall verloren”. *Das Brasilienbild von Flüchtlingen des Nationalsozialismus*. Frankfurt a.M., Vervuert, 2010.

Eckl, Marlen. O exílio no Brasil ou “a Europa no meio do mato”: desencontros entre Stefan Zweig e Ulrich Becher. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)* nº 53, São Paulo, 21 nov. 2011. Disponível em > <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34688><.

Kestler, Izabela. A literatura em língua alemã e o período do exílio (1933-1945): a produção literária, a experiência do exílio e a presença de exilados de fala alemã no Brasil. In: *Itinerários*. Araraquara, 23 (115-135), 2005. Disponível em > <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/viewFile/2829/2566><.

Zimmer, Karola. *Willy Keller. Um tradutor alemão de literatura brasileira*. Dissertação de Mestrado (FFLCH-USP), São Paulo, 1998. Disponível em >

<http://www.martiusstaden.org.br/files/conteudos/0000001-0000500/114/ac272dc36b74aa696c3698396337941c.pdf><

Brasil no espelho da literatura de viagens de língua alemã

Há vários tipos de viajantes que percorrem o Brasil desde sua descoberta. Os viajantes de língua alemã, de notório saber, chegam ao nosso país com a princesa Leopoldina, quando esta se desloca da Áustria ao Brasil para desposar o príncipe herdeiro, Pedro. Um desses viajantes é **Carl Friedrich Philipp von Martius**. E quem viaja de carona na leitura das cartas e das anotações de Martius (e de Humboldt) é Goethe. Martius, além de botânico até hoje reconhecido, também escreve um romance – *Frey Apollonio. Um romance do Brasil*. De uma de suas obras – *Viagem pelo Brasil 1817-1820* –, extraímos o seguinte trecho:

Esta lenda foi-me tantas vezes narrada, quanto a das Amazonas, e Monteiro menciona mesmo o testemunho, sob juramento, de um missionário, que, no ano de 1752, vira um índio das matas do Papurá que tinha um rabo comprido de cinco polegadas, sem pelos. O devoto padre acrescentara haverem-lhe assegurado que essa cauda crescia depressa e era preciso, por isso, apará-la de quando em quando. O engano fora motivado, neste caso, provavelmente pelo cinto de casca de árvore, que costumam usar diversas nações no alto Japurá, como por exemplo, os miranhas. De resto, outra singular notícia, além da lenda dos índios de rabo, coloca ainda outros prodígios naturais, justamente naquelas regiões entre o Alto Purus e o Juruá. Contam que ali existem os cauanãs, tribos de anões e segundo outras notícias, de gigantes com 16 palmos de altura. Assim como os tamanacos colocam nas margens do Rio Cuchiueno as amazonas e o único casal de antepassados que escapou ao dilúvio, também os índios brasileiros situam a maioria das suas lendas nas nascentes do Purus e do Juruá, e, daí, para o sul, nas bacias desconhecidas do Beni e do Madeira. Tão generalizadas como essas fábulas e outras semelhantes, entre quase todas as tribos indígenas do Brasil, correm as ideias sombrias de espectros e de demônios fantásticos. São elas uma das mais importantes provas de um estado primitivo desses povos, quando na verdade não se acharam em grau mais alto de civilização, mas vivendo mais próximos uns dos outros, podiam formar conceitos tão idênticos, como os que atualmente vemos espalhados de modo surpreendente em todo o Brasil. (Spix & Martius 1981, vol 3: 144).

Pelos textos e pelas imagens do Brasil que os viajantes nos deixaram, é possível acompanhar as transformações sofridas pelo país desde 1500 – ano que marca o começo de sua visibilidade para os olhos do Ocidente.

Leituras recomendadas:

Lisboa, Karen M. **Mundo novo, mesmo mundo. Viajantes de língua alemã no Brasil (1893-1942)**. São Paulo, Hucitec/Fapesp, 2011.

Bolle Willi & Kupfer, Eckhard (orgs.). **Cinco séculos de relações brasileiras e alemãs**. São Paulo, Editora Brasileira de Arte e cultura, 2013.

Outras sugestões:

Lisboa, Karen M. *A nova Atlântida de Spix e Martius: natureza e civilização na “Viagem pelo Brasil (1817-1820)”*. São Paulo, Hucitec, 1997.

Martius, Carl F. Ph. *Frey Apollonio. Um romance do Brasil*. Trad. Erwin Theodor. São Paulo, Imprensa Oficial, 2005.

Spix & Martius. *Viagem pelo Brasil 1817-1820*. Trad. Lúcia Furquim Lahmeyer. São Paulo e Belo Horizonte, EDUSP e Itatiaia, 1981, 3 vols.

Documentário sobre a viagem de Martius ao Brasil. Disponível em ><https://youtu.be/6kjtW6rTTFY><.